

# DE UM LADO COMO DO OUTRO. PAULO ARANTES: GUERRA, FRONTEIRAS E O FIM DA HISTÓRIA

*On one Side as on the Other.*

*Paulo Arantes: War, Borders and the End of History*

FREDERICO LYRA DE CARVALHO\*

[lyrafred@gmail.com](mailto:lyrafred@gmail.com)

Data de recepção: 31 de maio de 2023

Data de aceitação: 2 de dezembro de 2023

## RESUMO

Partiremos da leitura crítica elaborada por Paulo Arantes da obra de Francis Fukuyama para analisarmos o lugar da guerra, da atualidade da noção de fronteira e a compreensão de que houve um fim da história, mas que ele é outro, e como esta constelação conceitual é determinante para a maneira com a qual o filósofo brasileiro interpreta dialeticamente o tempo presente tal qual ele vem se configurando desde o fim da União Soviética até hoje.

*Palavras-chave:* guerra, fronteira, fim da história, periferia.

## ABSTRACT

We will start from the critical reading of the work of Francis Fukuyama proposed by Paulo Arantes to analyze the place of war, the relevance of the notion of frontier and the understanding that there was an end of history, but that it is a different one, and how this conceptual constellation is decisive for the way in which the Brazilian philosopher dialectically interprets the present time as it has been configured since the end of the Soviet Union until today.

*Keywords:* war, frontier, end of history, periphery.

---

\* Université de Picardie Jules Verne – Amiens (France).

## I

Paulo Arantes parece ter sido um dos poucos autores a levar em consideração a elaboração sobre *O Fim da História e o Último Homem* do filósofo norte-americano Francis Fukuyama (1992)<sup>1</sup>. A sua reação, no entanto, não parece ter se dado imediatamente após a queda do muro de Berlim, ela se concretiza efetivamente na esteira do 11 de setembro de 2001. Isto é, como se após o ataque às duas torres algo que estava maturando há mais de uma década revelou a sua forma definitiva. “O 11 de Setembro apenas precipitou a cristalização de uma síndrome aliando crueldade e impotência política, que há muito tempo vinha pedindo passagem” (Arantes, 2007: 161). O mais curioso, notou Paulo Arantes (2007: 62-63), é que com a publicação d’*O Fim da história e o Último Homem*, Fukuyama reintroduziu um gênero filosófico clássico que se encontrava um tanto fora de moda após de ter sido duramente atacado por décadas em especial por aquilo que o mesmo filósofo batizou de *ideologia francesa* (2021). Se tratava de uma interpretação apologética do presente na forma de uma filosofia da história. Quando Hegel elaborou a filosofia da história dos tempos modernos ela pressupunha o seu fim. Falar em História implica necessariamente em uma conclusão. Uma História não é algo que tende a repetir o sempre igual e se reproduzir indefinidamente. Aos olhos do nosso filósofo um dos aspectos mais curioso dessa ressurreição é que era a direita puramente orgânica do núcleo duro do establishment, na figura de um funcionário do Pentágono, que retomava, à sua maneira, o discurso moderno da filosofia da história para enunciar em alto e bom som que a história de fato estava acabada. Isto é, os Estados Unidos haviam ganho a Guerra Fria e agora só lhes restava administrar os louros da vitória. Não havia mais luta política, apenas administração e isto não era uma pura falsidade ideológica, sugere Arantes. De certa maneira, havia um forte conteúdo de verdade no diagnóstico *mainstream* tal qual enunciado por Fukuyama, embora o paraíso depois do fim estivesse longe de ser um destino universal: “Esse fabuloso Fim da História seria, a rigor, uma redenção para poucos da entropia temporal; basicamente apenas o núcleo orgânico do sistema ingressaria na zona da luz da *pós-história*, cujo principal eixo de interação entre seus múltiplos espaços-de-fluxos seria econômico, relegando cada vez mais aos museus das curiosidades, precisamente ‘históricas’, as velhas regras da política de poder aos Estados ‘baseados em armas’” (Arantes, 2014: 62).

---

<sup>1</sup> Um outro autor importante a levar Fukuyama a sério foi Perry Anderson (1992)

Ao contrário de apologistas puros como Samuel Huntington, Fukuyama não era triunfalista. Uma das inovações conceituais de Fukuyama se encontra na maneira com a qual ele interpretava a resolução proposta por Kojève da dialética entre o Mêstre e o Escravo. Este momento que anunciava o “dimanche de la vie”, será interpretado por Fukuyama com uma boa dose de ingredientes do *Último Homem* nietzschiano e “o seu fecho conclusivo associa a guerra pós-histórica ao deserto em que reinará a mais completa insignificância, nela incluídos todos os ritos de uma civilidade puramente formal” (Arantes, 2014: 65). Além de um discurso da guerra, a filosofia da história elaborada pelo lado vencedor sugeria que um modo de vida absolutamente niilista tendia a ser tornar hegemônico no lado entrincheirado da fronteira. “O livro descreve de fato, com categorias pouco usuais, uma clivagem no processo de modernização capitalista, a formação de uma *fronteira* entre sociedades ressentidas porque perdedoras – ainda ‘nacionais’ e ‘históricas’ – e o mundo luminoso da riqueza capitalista obviamente pós-tudo” (Arantes, 2014: 274). Mobilizando categorias da filosofia da luta pelo reconhecimento, elaborada por Alexandre Kojève, como também fazendo um uso pouco habitual da categoria platônica de *thymòs*, Fukuyama fornecia, apesar de tudo, uma imagem coerente da configuração do mundo que tomava forma no processo de globalização.

A configuração do mundo que emergia do pós-guerra fria não era unitária, ele estava dividido por uma fronteira onde um lado aparece como iluminado e pós-histórico enquanto o outro, repleto de antagonismos, se encontraria ainda na era das trevas – sem horizonte de saída pois a história teria de fato acabado. Quem se deteve apenas no título não notou que não se tratava de um livro descrevendo um mar de rosas. Pelo contrário, o fim da história que emerge no apagar das luzes da Guerra Fria é uma época de guerra, um novo tipo de guerra na qual a distinção entre o estado de paz e guerra tende a se tornar cada vez mais fluído. Esse estado de paz implica estar de prontidão e armado até os dentes pronto para afir a qualquer momento. Trata-se de um discurso e prática belicista sob a égide da pacificação. Paz a qualquer custo. Era esse o desfecho da História. Esse desfecho, inaugurado com a queda da URSS, não engendrou uma sociedade igualitária e livre tal qual imaginada pelo melhor do liberalismo e do socialismo desde a Revolução Francesa e durante todo o século XX, pelo contrário, nunca o globo foi efetivamente tão desigual e dividido como na “pós-história”. Parcelas enormes dos territórios e populações por todo o mundo estão desde então sendo rifadas pelo capital vencedor (Arantes, 2014: 141-198). A história acabou pois nada de novo vai emer-

gir, foi o sistema capitalista no seu momento de hegemonia norte-americana que venceu, não haveria mais alternativa e esta situação durará para sempre, parecia sugerir Fukuyama. Tratava-se então de governar essa situação.

O problema se encontrava do outro lado. Pois o lado sombrio e histórico é em última instância uma zona de vazio jurídico onde impera a exceção e a guerra permanente. É neste outro lado da fronteira que se encontra a maior parte da energia fóssil e das matérias primas necessárias para a produção de todo o aparato tecnológico demandado pelo capitalismo contemporâneo. É também lá que se encontra a massa incontável de população sobrando e cada vez mais obsoleta que não consegue mais ser efetivamente empregada como força de trabalho para a reprodução do capital. O mais importante para as sociedades do mundo iluminado passou a ser a implementação dos mais variados dispositivos para evitar a qualquer custo o contato entre estes dois mundos. Entre outras coisas, a proliferação massiva de campos de retenção aparece como um preço moral necessário a se pagar. Como o capitalismo é global, nota Arantes, essa fronteira abarca todo o globo, o que resulta literalmente em um “mundo-fronteira” (2022b). A metade turbulenta do mundo é a periferia do sistema. Nesse território exterior o espírito cosmopolita e liberal da sociedade vencedora ainda não criou raízes e lá ainda impera o sentimento nacional, como também o ressentimento, a luta social e o conflito. O confronto pacificador que se desenhava nesta situação é o de uma guerra policial pela ordem. Um tipo de guerra que pede uma “*polícia de fronteira*, por assim dizer, eclética, variando das zonas tampão às guerras ofensivas preventivas” (Arantes, 2007: 65), pois se trata de gerir de todas as formas possíveis as zonas turbulentas de fronteiras. É desta maneira que a nova filosofia da história que intencionava prefigurar a paz perpétua, uma pacificação total do mundo, enuncia no fundo um “Discurso da Guerra” (Arantes, 2014: 274)<sup>2</sup>, no fundo “guerras do fim da história” (Arantes, 2023).

## II

De fato, Paulo Arantes retoma a contrapelo a tese do fim da história ressuscitada por Fukuyama. Trata-se de um discurso da guerra com um fundo bem concreto. O diagnóstico era em boa parte correto, mas vinha na má direção. Estávamos diante

---

<sup>2</sup> De certa forma, este estudo pode ser lido como uma primeira parte de uma pesquisa e meditação sobre as diversas dimensões da *guerra* tal qual ela é pensada por Paulo Arantes e demanda ser completado com mais um ensaio futuro.

de uma “guerra cosmopolita” (Arantes, 2007: 31). Um tipo de conflito que era ao mesmo tempo policial e intervencionista. Além de uma grave crise econômica, os países centrais e vitoriosos conduzidos pelos Estados Unidos e pela OTAN se depa- raram com a missão de gerir o desmanche do antigo segundo mundo que gerou uma série de guerras civis e crises humanitárias – estas últimas que vinham se multiplicando sobretudo no continente africano desde a virada da década de 1980 (Fassin, 2010) – das quais as mais assustadoras foram a desintegração da Iugoslávia e o genocídio de Ruanda. O marco principal, no entanto, são as duas Guerras do Golfo. Na figura de George Bush Pai, assistimos à inauguração da guerra interven-cionista cujo objetivo era a pura destruição do Estado iraquiano sem que nada fosse ambicionado colocar no lugar. Como observa Paulo Arantes, “tirante a para-fernália nuclear, a tecnologia e as armas que os Estados Unidos e seus aliados pre- pararam contra a União Soviética foram enviadas para o Oriente Médio e direcio- nadas para a versão iraquiana do arsenal soviético” (2007: 64-65). Esta desmedida absoluta, como se sabe, continuaria por mais de dez anos com ataques ditos cirúrgi- cos coordenados por Bill Clinton, até a destruição final do Iraque comandada por George Bush Filho em 2003.

Entre outras coisas, a “guerra cosmopolita” trouxe de volta consigo a ideia de guerra justa, ideia esta endossada, inclusive, por parte da Teoria Crítica contempo- rânea. Pensadores do calibre de Habermas<sup>3</sup>, Honneth, Michael Walzer e Norberto Bobbio se engajaram na elaboração de um “*discurso da guerra*” (2007: 32) que vinha se afirmando como o pano de fundo para tentar ressuscitar a ideia de Ocidente e a ereção das fronteiras que passariam a separar o mundo em duas partes desiguais. Guerra justa é guerra de pacificação, onde paz é guerra e vice-versa. O mais impor- tante, nota Paulo Arantes, é sinalizar a mutação na guerra em nível global e o res- paldo que ela terá pela comunidade global e da opinião pública, incluindo parte considerável da esquerda mundial que aderiu ao capitalismo, pois as guerras se digirem principalmente contra os expropriados da terra que estão do lado de fora dessa comunidade vencedora. A ideia da guerra justa tem origem na doutrina teo- lógica de Santo Agostinho. Ele precisava organizar as disputas entre os bons cris-

---

<sup>3</sup> Este argumento da guerra justo voltou à tona em nota recente sobre a intervenção militar de Israel na Faixa de Gaza em outubro e novembro 2023, na qual Jürgen Habermas, juntamente com Nicole Deitelhoff, Rainer Forst, Klaus Günther, sustenta, entre outras coisas, que “O modo como essa retaliação, que é justificada em princípio, é realizada é objeto de um debate controverso”. Cf: <https://www.normativeorders.net/2023/grundsatzeder-solidaritat/>. Data de acesso: 17 novembro 2023.

tãos, mas isso supunha que também era necessário uma regra para lidar com os não-cristãos. A guerra justa foi a solução encontrada. Esta era a guerra contra o “outro”, aqueles que podiam ser massacrados sem peso na consciência e sem sentir a ameaça da condução da alma ao inferno como destino certo pelo sangue nas mãos. Por ser justa, a guerra era limpa de pecados. “Não espanta que a doutrina da guerra justa tenha conhecido uma segunda juventude durante os genocídios coloniais que marcaram a primeira expansão marítima dos Estados europeus” (Arantes, 2007: 37). Além de justa, a guerra na colônia era uma “guerra santa” (Arantes, 2022b: 21) endereçada àqueles apareciam como eventuais obstáculos ao processo de colonização. Afinal, “se eles resistirem ao comércio, e portanto se eles resistirem a que europeus se assentem naquele território para pacificamente comerciar – como esta resistência contraria as leis da natureza que estão assentadas sobre a sociabilidade humana e portanto sobre a hospitalidade – essa resistência a hospedar aqueles que querem apenas comerciar, e portanto a resistência à evangelização e a resistência ao comércio, é uma razão para deflagrar uma guerra justa contra aqueles que se opõem” (2022b: 21). As Cruzadas, assim como a Jihad, são outros exemplos de guerras santas.

“A guerra cosmopolita sobre a qual dou esta breve notícia nada mais é do que a manifestação mais contundente do regime de *estado de sítio planetário* no qual estamos desde então nos instalando” (Arantes, 2007: 40). O Estado de sítio<sup>4</sup> é um dispositivo constitucional que tem origem duplamente contra-revolucionária. Na esteira de Domenico Losurdo, Paulo Arantes nota que o estado de sítio surge na Revolução norte-americana para logo em seguida ser aperfeiçoado e difundido com a Revolução francesa. Os seus usos mais renomados, no entanto, foram para interromper a força popular na Revolução de 1848 na França e, quase um século depois, do outro lado do Reno, assegurar a ascensão do poder nazista. A novidade dos nossos tempos, segundo Paulo Arantes, é que se trata de um estado de sítio global que se instalou sem que houvesse nenhuma Revolução a ser parada no horizonte<sup>5</sup>. Uma situação que carrega uma contradição em seu interior, pois embora

---

<sup>4</sup> A maneira como Paulo Arantes teoriza o Estado de sítio ou Estado de exceção é um problema teórico em si mesmo e mereceria um estudo aprofundado devido à sua maneira original de articular Marx, Carl Schmitt, Walter Benjamin, Giorgio Agamben, além de vários autores brasileiros todos lidos e pensados sob o filtro do ponto de vista da periferia e da experiência colonial, o que resulta em uma teoria própria deste conceito fundamental para os nossos tempos.

<sup>5</sup> O primeiro a notar que o capitalismo tendia a instalar um estado de contra-revolução permanente foi Marcuse, na esteira do rescaldo da derrota do pós-1968: “A contrarrevolução é no geral amplamente preventiva; no mundo ocidental, ela o é exclusivamente. Não há revolução recente à des-

haja estado de sítio planetário, não existe nenhuma constituição mundial para ser posta de lado. Esta situação é puramente policial. Ela se caracteriza sobretudo por uma externalização de práticas políticas e policiais para fora da jurisdição legal do território norte-americano e do núcleo orgânico do sistema. Por exemplo, a tortura segue sendo ilegal nos Estados Unidos, mas toda uma parcela da opinião pública passou a defender o seu uso sob a justificativa de conter a ameaça fantasma terrorista. Logo a tortura seria abertamente exercida pelas forças armadas do país ou por forças mercenárias ao seu serviço, especialmente no Iraque, Afeganistão e em Guantánamo. Isto é, não é permitido do lado de *dentro*, mas pode-se torturar do lado de *fora*. A tortura é externalizada para além da fronteira nacional passando a funcionar normalmente na *periferia*. “Assim como o capital em expansão reinventou em sua franja colonial a escravidão moderna, pode-se dizer que o sistema imperial em formação sob nossos olhos está inaugurando uma nova divisão internacional do trabalho da tortura” (Arantes, 2007: 162). Na era colonial, como também no presente, “às classes confortáveis do núcleo orgânico correspondiam, como um complemento exato, às classes torturáveis nas zonas periféricas do sistema” (Arantes, 2007: 163). “No limite, toda colônia é penal”, nota Arantes (2014: 322). Na periferia desde sempre é guerra, a tortura é norma e a ordem é o estado de exceção.

O capitalismo vencedor com o aparelho militar norte-americano encarnando o poder soberano mundial configurou um imperialismo de tipo novo. Segundo Arantes, “Globalização’ significa, entre outras coisas, tornar o capitalismo seguro, e o núcleo desse capitalismo seguro é americano. (2022b: 20). Este imperialismo tem como função fundamental e estrutural dar lastro ao dinheiro do mundo, isto é, assegurar a emissão e reconhecimento do dólar como a moeda mundial. Ele é garantido pelo poder militar e cujo poder está na moeda e nas finanças e não na dominação direta de territórios. Sem esquecer, além de tudo, das dezenas de bases militares espalhadas por todo o planeta que possibilitam a intervenção imediata deste poder militar em praticamente qualquer lugar do planeta. “Não me parece excessivo concluir que a lógica econômica do *tribute-taking* inerente ao regime dólar flexível, enquanto moeda financeira mundial, não coincide por acaso com a estréia da nova máquina de guerra norte-americana – devidamente reaparelhada por uma

---

truir, e nenhuma em perspectiva. Ora, é portanto, o medo da revolução que unifica os interesses e associa as várias fases e formas da contrarrevolução. Ela cobre toda a gama, da democracia parlamentar à ditadura declarada passando pelo Estado policial. O capitalismo se reorganiza para enfrentar a ameaça de uma revolução que seria a mais radical de todas as revoluções históricas. Que seria verdadeiramente a primeira revolução *histórica mundial*” (Marcuse, 1973: 10)

surpreendente revolução nos assuntos militares – no mercado internacional de compra e venda de proteção” (Arantes, 2007: 186). Desta maneira, estas guerras e intervenções policiais ocorrem depois do fim da histórica no fundo com o intuito de sustentar o consumo interno americano, assegurar a volatilidade da dívida pública e assegurar a correta emissão de dinheiro. Uma das novidades da época é que os serviços de segurança aparecem como um dos principais produtos de exportação dos Estados Unidos. Seja através das bases militares e das frotas navais espalhadas por todo o planeta ou na forma de empresas de mercenários que, como a Blackwater e a Halliburton, embora privadas, trabalham diretamente associadas ao governo norte-americano.

Esta configuração trouxe consigo algumas coisas antigas travestidas com nova roupagem. Por exemplo, aquilo que convencionou-se chamar de globalização seria na realidade, segundo Paulo Arantes, um nome ideológico para o que ele identifica como sendo uma nova rodada de aprofundamento da acumulação primitiva que ele nomeia de “capitalismo de acesso” (2007: 167). Este termo tem o intuito de ecoar a semelhança formal, pois com novos conteúdos e aparência, entre os antigos enclosures e os novos cercamentos dos bens comuns. Desta vez ao invés de terras, se tratava principalmente de enxugar o patrimônio e financeirizar todas as esferas da vida, para com isso criar toda uma série de monopólios para o acesso aos mais diversos bens de consumo e insumos básicos para a vida, como para induzir que toda e qualquer ação, que seja a mais simples subsistência, seja mediada pelo dinheiro e pelo mercado. No presente, o cercamento se dá sobretudo naquilo que é conhecido como realidade virtual, a internet, e a informação que nela circula. “O destino da falsa mercadoria informação repete a violência expropriadora dos enclosures” (Arantes, 2007: 169). “O princípio do acesso é o do controle, basicamente de quem entra e de quem sai, a sua lógica é a da barreira e a do nicho” (2007: 168). O fundamento é por ele nomeado de “lógica do capital-informação” que tem como objetivo organizar economicamente “o acesso à dimensão virtual da realidade, apropriar-se do futuro, em suma” (Arantes, 2007: 168). Outros acessos são discutidos por Paulo Arantes, como o *lobby* de empresas junto ao Estado com o intuito de organizar as ditas parcerias público-privadas. Um exemplo paradigmático é a família Bush com os seus tentáculos nos mais diversos negócios. A origem dessa prática, no entanto, é antiga, remonta ao mercantilismo e às diversas Companhias das Índias. O curioso é que isso aparece como uma configuração ainda mais conseqüente hoje em dia, o que nos faz lembrar que Paulo Arantes elaborou estas

ideias antes da exponencialização que a explosão massificada do mundo virtual fez do capital-informação<sup>6</sup> e que o monopólio do mundo virtual se tornasse tão concentrado e de controle tão estrito que muitos já chamam de novo feudalismo<sup>7</sup>.

Dos bens públicos às corporações privadas, passando pela guerra, tudo pode ser potencialmente privatizado, embora venha quase sempre acompanhado de uma mão estatal. O novo modelo de imbricações e parcerias entre o Estado e as Empresas no qual é cada vez mais difícil distinguir quem exerce qual função, parece ter como destino fenomênico o estado-máfia<sup>8</sup>. Pouco a pouco ele vai sendo obrigado a descartar parcelas do seu território que são cada vez mais ingovernáveis sob as regras jurídicas dos Estados. Estas verdadeiras zonas territoriais excedentes espalhadas pelo globo, junto de suas populações ocupantes, se encontraram em estado de anomia permanente e passam a ser governadas por milícias enquanto aqueles que ainda se encontram dentro dos muros do sistema tentam se proteger de todas as formas possíveis daqueles que estão do outro lado da fronteira oferecendo-lhes ajuda humanitária, transformando populações inteiras em negócios ou simplesmente com o uso abusivo da violência policial pura e direta. “Assim, não é nada implausível que se possa também considerar o novo imperialismo como a certidão de nascimento de uma sociedade terminal que, a partir de um núcleo oligárquico central, vai se espreado pelo fundo na forma de luta entre gangues em torno dos recursos mundiais” (Arantes, 2007: 190). Não seria exagero dizer que o governo Bolsonaro deu um novo impulso contribuindo para a aceleração da transformação do Brasil em um estado-máfia.

### III

Fukuyama foi imediatamente rejeitado e pouco foram aqueles na esquerda mundial que tentaram entender o que ele estava tentando dizer no momento mesmo da queda do muro. Essa ignorância pode ser entendida como um sintoma da derrota que sofreram. Pois embora o cadáver do socialismo real já estivesse apodrecendo há várias décadas, nada justifica a adesão espontânea e convicta das esquerdas ao capitalismo dominante. Como insiste Slavoj Žižek, “embora seja fácil ridi-

---

<sup>6</sup> Para um aprofundamento radical desta ideia que chega a sugerir de maneira polêmica que a informação já estaria cumprindo função análoga ao capital no processo de produção e com isto já estaríamos entrando em um pós-capitalismo, ver: McKenzie Wark (2021).

<sup>7</sup> Cf. Durand (2020)

<sup>8</sup> Não por acaso o paradigma é a Rússia: Luke Harding (2012).

cularizar a noção de Fukuyama sobre o fim da história, a maioria hoje é fukuyamaísta. O capitalismo liberal-democrático é aceito como a fórmula finalmente encontrada da melhor sociedade possível; tudo o que se pode fazer é torná-la mais justa, tolerante e assim por diante” (2009). É possível que a esquerda liberal seja a última a ter ainda alguma fé numa suposta civilização capitalista. Bastaria lembrar, entre outras coisas, que Fukuyama nunca disse que não haveria mais conflito nem antagonismos ou mesmo luta de classe. É também neste sentido que Paulo Arantes se coloca de acordo com o filósofo norte-americano, isto é, de fato houve um fim da história. Este fim, no entanto, não foi o triunfo que os mais ferventes ideólogos pró-sistema imaginavam, como também não se configurou o governo de paz armada imaginado por Fukuyama. O seu conteúdo de verdade se encontra sobretudo na configuração emergente de um mundo de fronteiras fraturado em duas zonas separadas, porém interdependentes, uma da outra. “É necessário, então, que se estabeleça novamente uma linha global, a qual coloca perfeitamente dois lados e pode abarcar os clientes europeus ou americanos, mas o outro lado dessa linha global é uma terra de fronteira, de modo que nós temos uma espécie de fronteira sem mundo” (Arantes, 2022: 20). O problema inesperado para o governo cosmopolita do mundo que se instalou no fim da história é o fato de ser objetivamente impossível estabilizar esta configuração<sup>9</sup>. Parece que um processo contínuo de pacificação se tornou necessário pelo fato de uma paz efetiva aparecer como impossível. Lá onde Fukuyama imaginou haver uma dualidade absolutamente separada – na qual uma polícia de fronteira fora da lei garantiria que a distância entre os polos fosse a todo custo mantida estável – havia, de fato, um forte vínculo que poderíamos chamar de dialético. Não uma dialética que permitiria ao processo avançar na direção da superação das desigualdades, ao contrário, pois desde que o processo do colapso da modernização (Kurz, 1992) vem se desencadeando ainda nos anos oitenta com a crise do terceiro mundo, o curso do mundo mudou e assistimos a um processo reverso que Paulo Arantes identifica como uma *periferização do centro*.

As últimas décadas parecem mostrar que a zona responsável pela gestão pacificadora do mundo não consegue mais conter a expansão da zona sombria sobre a zona luminosa. Há muito que Paulo Arantes vem sugerindo que “a condição

---

<sup>9</sup> Uma outra face deste mesmo modo de governo que é próprio do neoliberalismo, e que caberia estudar e articular em detalhes com a guerra cosmopolita e policial em uma outra ocasião, é aquilo que foi chamado por Dardot e Laval (2010), na esteira de Foucault, de “nova razão do mundo”.

periférica”<sup>10</sup> tende a se tornar dominante no mundo.” Não vou, diz Paulo Arantes, enumerar os sintomas, basta olhar à volta, pois acho que, há uma geração, esse estado de emergência se alastra da periferia para o centro” (Lyra, 2021: 274). O fim da história não resultou na vitória do sistema capitalista, pelo contrário, o estado de guerra cosmopolita e processo de periferização que se instalou é um sinal da sua instabilidade natural e pode ser interpretado como anúncio do seu iminente desmoronamento que tende a ocorrer devido às suas contradições internas. Resta saber o que virá depois – se algo sobrar de pé. Contrariamente à paz perpétua ou ao *dimanche de la vie* prometido, foi um processo que se articula sob uma “lógica de desintegração”<sup>11</sup> (Arantes, 2014: 336) cada vez mais acelerada que tomou forma. A vantagem, se é que se pode falar assim, de assistir a este processo a partir de um país periférico, que não pôde ainda ser descartado do sistema-mundo, como é o caso do Brasil, é que lá as fronteiras descritas por Fukuyama atravessam desde sempre a integralidade do território. Como sugeriu em 2001, a “fratura brasileira do mundo” (Arantes, 2004: 25-77) aparece como a vanguarda da situação que se instala mundo afora. Lembremos que neste ensaio já clássico, são tratadas em detalhes, como sociedades já em decomposição acelerada, a sociedade francesa, o modelo principal do estado de bem-estar social do pós-guerra, e a sociedade norte-americana que se afirma como o eixo do mundo no pós segunda-guerra mundial e que saíra vitoriosa da Guerra fria, durante a década de 1990, era vivida como ápice da vitória do capitalismo, o momento preciso do *auge do fim da história*.

#### IV

Podemos afirmar que desde a crise dos subprimes que eclodiu entre 2007 e 2008, o movimento tendencial de periferização do centro se acelerou. O colapso finalmente chegou com força no centro do coração do sistema, como o 11 de setembro de certa forma antecipara. A decomposição sócio-política dos Estados Unidos, Japão e dos países europeus já se tornou uma evidência social<sup>12</sup>. Pensando bem, o caráter destrutivo do sistema se tornou um senso comum na sociedade contempo-

---

<sup>10</sup> Conceito e situação elaboradas detalhadamente por Thiago Canetti (2020).

<sup>11</sup> Para dar a citação completa na qual Paulo Arantes descreve sobre a experiência contemporânea em uma sociedade periférica como brasileira: “Numa sociedade que se reproduz segundo a lógica da desintegração, o horizonte de expectativas, que antes empurrava para a frente o tempo social, se sobrepôs hoje ao campo de experiência presente, daí o caráter dramático de uma conjuntura que não passa” (2014: 336).

<sup>12</sup> Cf. Arlie Russell Hochschild (2016), Christophe Guilluy (2014).

rânea – ao menos no nível discursivo. Em um país como a França, a chamada *collapsologie*<sup>13</sup> virou uma ideologia de classe dominante e conta inclusive com livros de auto-ajuda indicando como educar as crianças para se adequarem ao colapso que vem se anunciando no horizonte. Como não dá mais para evitar o colapso melhor mesmo se adaptar de maneira resiliente aos tempos vindouros. Basta abrir qualquer jornal, ou melhor, navegar por qualquer uma das redes sociais que, embora todos se apresentem como eternamente felizes, são os horrores da sociedade que aparecem e que mediam esta situação generalizada de letargia e denegação geral. O problema é que toda esta situação de espera catastrófica se integra como normalidade social por aparecer como um horizonte sem nenhuma resolução prática possível, desta maneira, o jogo tende a prosseguir rumo ao seu destino segue sem maiores interrupções.

O fim da história apareceu como uma redenção perversa e provisória para uma parcela bastante reduzida da população mundial. O vínculo social mesmo nos países centrais, estava se reduzindo cada vez mais ao puro vínculo econômico. Aqueles que estão sendo jogados para fora do sistema são principalmente os que não tem mais como conseguir trabalho – lembrando sempre que, embora o trabalho continue a ser o vínculo fundamental da sociedade capitalista e o trabalho vivo a única fonte substancial para a criação de valor, “a contradição em processo” (Marx, 2011) desencadeada principalmente pelo crescimento exponencial das forças produtivas e da tecnologia traz consigo a contradição fundamental do sistema que eliminando a necessidade de trabalho vivo para o processo de produção, termina por expulsar parte considerável da população mundial do trabalho tornando esta cada vez mais obsoleta para a reprodução da sociedade. O valor é viciado em si mesmo e, tal qual o Rei Midas, contamina a todos que toca no seu caminho. A dependência dessa substância cada vez mais escassa que é o valor, cuja síntese social induz compulsivamente à competição de todos contra todos, tende a desencadear uma guerra generalizada que passa por todos os níveis da sociedade e, embora se manifeste em diferentes escalas, não deixará nenhum país nem nenhum indivíduo ileso.

Olhando para a situação do mundo no pós-crise de 2008, Wolfgang Streeck dirá que sociedades que não são capazes de incluir ou de assegurar a integridade das suas populações tendem a se transformar em algo que é “*menos que uma sociedade*” (2016: 13). Um exemplo desta situação pode ser encontrada no fato dos

---

<sup>13</sup> Para uma crítica da *collapsologie*: Benoît Bohy-Bunel (2023).

Estados Unidos terem se transformado em uma sociedade autofágica onde os assassinatos de massa (*amok*) se tornaram uma epidemia social o que explicitaria em um nível micrológico, entre outras coisas, a tendência suicida da sociedade capitalista como um todo desde o seu centro dinâmico (Jappe, 2017). No fundo, seguindo o raciocínio de Jappe, os *amoks* seriam quase que uma consequência lógica do processo de desintegração social em marcha e, portanto, o seu excesso não deveria nos surpreender. Christopher Lasch, lembra Paulo Arantes, reconheceu ainda nos anos 1980 uma “individualidade sitiada” nessa estrutura social cujo nexos social narcísico era o “mínimo eu” (1990). Fazendo eco desta configuração social, Fukuyama endossava sem pestanejar o enunciado de Thatcher – *there is no alternative* – sem no entanto afirmar que o paraíso havia descido na terra. Niilistas, todos aqueles vivendo no fim da história deveriam se conformar com o fato de não haver nenhum sinal de uma outra Ideia ou Ideologia no horizonte capaz de rivalizar com o capital vitorioso. A realidade de fato se transformou na sua própria ideologia, como previra Adorno (2022). Não é mero acaso que o modo de vida niilista se transformaria mais tarde no modo de vida dominante atravessando todas as classes sociais e países do mundo. Modo de vida, que também é modo de dominação, e se transformou em segunda natureza principalmente devido à proliferação em massa de dispositivos tecnológicos capazes de unir e conectar a todos os indivíduos precisamente pela separação dos seus corpos (Crary, 2014). Como sugere Barbara Stiegler, “você tem de se adaptar” (2019). O mundo ultra tecnológico que emergiu na esteira do mundo de guerras de intervenção e policiamento por todos os lados só é possível pelo fato da maioria dos indivíduos estarem conformados com o mundo que lhes foi entregue.

## V

Paulo Arantes interpreta o capitalismo como um sistema fundamentalmente destrutivo – e não de fundamento produtivo, como continuam a pensar a maior parte dos marxistas e, assim sendo, Schumpeter, embora absolutamente apologeta, tinha lá suas razões, embora seja difícil achar algo de efetivamente criativo neste amontoado de destruição. Nenhuma prática e acontecimento produzido pela humanidade sintetiza melhor a sua capacidade destrutiva como a guerra. Embora tenha a idade da pré-história da humanidade, é com o desenvolvimento exponencial das tecnologias destrutivas na forma dos mais diversos armamentos de fogo, que atinge

um primeiro ápice no início do século XX com a Primeira Guerra mundial, que a guerra se torna total (Menegat, 2019). Como bem notou Marildo Menegat, “A recorrência ao imago da guerra não é gratuita nem arbitrária, nela está adormecida uma forma abstrata originária, um a priori desta sociedade” (2021: 7). Robert Kurz (1997) chega mesmo a identificar que “as origens destrutivas do capitalismo” devem ser encontradas principalmente na revolução armamentista que ocorreu e acelerou o final da idade média<sup>14</sup>. O capitalismo é guerra permanente, não cansa de repetir Paulo Arantes em diversas de suas falas<sup>15</sup>. Essa sua verdadeira face se revelou com tudo na Primeira com a tecnologicização absoluta da guerra e sobretudo na Segunda guerra mundial principalmente com a invenção da Bomba Atômica. De fato, parece que apenas o dinheiro e a guerra são capazes de criar um laço entre os três pilares fundamentais do sistema capitalista, a saber, o Capital, o Estado e o trabalho.

Há tempos se sabe que o capitalismo é um sistema com tendências suicidas, mas como ele se reproduz por uma matéria abstrata porém real e cada vez mais escassa que, devido ao seu funcionamento tautológico que tem como único fundamento o de acumular por acumular. Desde a crise de 2008 o dinheiro mundial se encontra cada vez mais dessubstancializado e tem com isso perdido ainda mais o seu valor, tornando os Estados Unidos cada vez menos apto a cumprir com suas ambições políticas de controlar os fluxos financeiros do mundo e com suas obrigações de financiar o Estado e as empresas norte americanas como também para além das fronteiras deste país. Embora a contrapelo do que havia sido enunciado, algo da natureza do que Fukuyama havia pressentido se realizou. A onda avassaladora de insurreições mundiais conhecidas como Primaveras Árabes, o Brexit, Trump, Bolsonaro e sobretudo a pandemia do Covid-19 e a Guerra da Rússia contra a Ucrânia parecem selar em definitivo uma virada na situação mundial. Isto é, em outras palavras, o que assistimos no presente pode ser entendido como algo como o *fim do fim da história* ou uma aceleração exponencial rumo ao *fim*. Se apoiando no livro *The End of The End of History* (Hochuli, Hoare e Cunliffe, 2021), Arantes observa que, por um lado, “depois de mapearem as marchas e contramarchas do perene

---

<sup>14</sup> Para um comentário de Paulo Arantes sobre este ensaio, no qual o nosso autor afina a tese kurziana articulando-a com a tese de Giovanni Arrighi (2010) no qual este autor trata, entre outras coisas, da formação dos Estados e da concentração do poder na mão destes autores como sendo fundamental para pensar as origens do capitalismo: “Zero à Esquerda: uma coleção da hora”, 2004: 245-255.

<sup>15</sup> Cf. Arantes (2022a)

tumulto político inintegráveis na Era Pacífica prometida por mais um adeus às armas, de uns anos para cá está claro que o Fim da História chegou ao fim sem que no entanto a História tenha recomeçado a sua escalada” (2023). Por outro lado, “sendo a Periferia o lugar em que o futuro se revela, chegamos todos juntos ao Fim do Fim da História, passamo a pulsar na mesma temporalidade, cuja mola propulsora voltou a acelerar no vazio de um ‘regime de historicidade’ que alguns estão chamando de apocalípticos (Lazzarato), querendo dizer com isso, entre tantas outras coisas que se perdem na noite dos tempos, vontade de apertar o gatilho” (Arantes, 2023). Embora haja um agravamento no processo de colapso que vem se desencadeando há várias décadas, algo mudou sensivelmente de um lado e de outro da fronteira assim que esse novo limiar foi ultrapassado.

## VI

Desconfio que para Paulo Arantes não se trata mais de simplesmente evitar o pior. Essa ainda era a ideia guia de pensadores como Adorno ou Günther Anders, que, na contramão do otimismo que se instalava no mundo após o fim da segunda guerra mundial, imaginavam que a tarefa política era evitar que uma variação dos horrores de Auschwitz ou que o apocalipse atômico terminal ocorresse. No presente a desintegração total do mundo já aparece como um dado imanente à realidade. Com o acúmulo de crises sociais, políticas, climáticas e guerras de todos os tipos o pior aparece como algo praticamente inevitável. Este destino vem sendo anunciado há muito tempo. Não por acaso, em várias de suas falas Paulo Arantes insiste que continuar a denominar tal situação com o conceito de *crise* ainda carregaria consigo um certo rescaldo otimista e progressista (Arantes & Krenak, 2020)<sup>16</sup>. No caso de Adorno e Anders eles foram os responsáveis por enunciar os diagnósticos mais coerentes e radicais em sua época. Porém, um veio a falecer logo após o Maio 68 – marco político inaugural da contra revolução conhecida como Era neoliberal que se inaugurou logo em seguida com o acúmulo da crise do petróleo, do fim do padrão ouro e do relatório do Clube de Roma de 1972 sobre os limites do crescimento – e o outro logo após o fim da guerra fria. O tempo do mundo agora é outro. O ponto de vista da periferia, conceitualização desenvolvida por um conjunto

---

<sup>16</sup> A fala de Paulo Arantes se inicia aos 49 minutos e 50 segundo deste vídeo. A resposta a uma questão do público que se inicia à 2 horas e 36 minutos e segue até o final é também importante para alguns dos argumentos aqui tratados.

estreito de autores, mas que se cristaliza com maior consistência naquilo que pode ser chamado de obra de Paulo Arantes, aparece como uma vacina crítica e alavanca negativa na tentativa de imaginar como parar o curso desastroso do mundo. Ela no entanto é cética até mesmo com a possibilidade de elaborar ideias para *adiar*, mesmo que indefinidamente, o fim do mundo, como sugere um pensador radical e importante como Ailton Krenak (2020). Em razão da velocidade com que transcorre o novo tempo de emergência que assola o mundo, a possibilidade de adiar indefinidamente o seu fim contém ainda uma dose de otimismo. Cantar, dançar e contra histórias não é suficiente diante da amplitude da urgência da situação. O sujeito automático que conduz o processo social nas costas da população mundial, estando ela no andar de cima ou de baixo da sociedade global, tende de fato a selar o seu destino catastrófico.

Saída? Como bem notaram Felipe Catalani e Luiz de Caux (2019), no final das contas a busca por uma saída não mudou muito de uma época para a outra, a passagem do dois ao zero continua sendo a mesma há mais de dois séculos, e nesse aspecto ainda somos contemporâneos de todo um passado que pesa, isto é, ainda estamos a espera de uma *Revolução* radical capaz de varrer do mapa essa estrutura demoníaca que repete indefinidamente o mesmo processo de acumulação sem fim, porém a cada volta em um nível mais rebaixado devido ao esgotamento da terra que já não aguenta mais esse processo destrutivo. Pouco importa se Paulo Arantes acredite ou não na sua possibilidade, ela é enunciada. No estágio agudo do presente, onde falta conceito para bem caracterizar as múltiplas crises sobrepostas na qual estamos inseridos – embora todas tenham como ponto de origem comum o sistema capitalista<sup>17</sup> –, um acontecimento desta dimensão, à sua maneira catastrófico, aparece quase que como uma necessidade vital para a humanidade – como para além dela, pois é toda a vida animal e o que conhecemos como natureza que está em risco. O *fim do fim* se anuncia a todo momento. Vale destacar com maior ênfase que a passagem do dois ao zero é ela mesma dupla. Logo há dois zeros. O zero para o qual passa o dois pode muito bem vir a ser a mais pura destruição, o *nada absoluto*. O encolhimento do horizonte de expectativas aparece como uma imbricação superposta entre “o horizonte da espera da Revolução, o horizonte de espera da Guerra e, finalmente, a expectativa do Grande Acidente” (Arantes, 2014:

---

<sup>17</sup> Para uma crítica ao conceito de policrise, que é no fundo uma ideologia que escamoteia a centralidade da desvalorização do valor que é o pano de fundo comum a todas as outras crises sobrepostas: Godin (2023).

94). Sem esquecer que guerra e revolução *tendem* a emergir juntas e que o Acidente é um dado do presente devido à impossibilidade de se desinventar e se desativar o arsenal nuclear (Anders, 2006). Alain Badiou (2022), como Paulo Arantes, tem insistido que nos encontramos em uma situação liminar que impõe uma bifurcação inédita na sua dimensão na qual a única saída seria uma revolução que evitará a guerra se antecipando a esta, como uma fera que em um único salto decepa de uma só vez todas as cabeças da Hidra, levando consigo também o seu corpo sem deixar restos, pois uma nova guerra total seria certamente o *fim*. Se no horizonte objetivo do mundo há Guerras por todos os lados, haveria perdida por aí uma pequena chama na qual poderia se reconhecer a sua contraparte que tanto procuramos enquanto se espera, embora a sua imagem e forma seja absolutamente desconhecida – seria ela agora pura expectativa informe e sem imagem?

#### REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. (2022): *Philosophy and Sociology: 1960*, Cambridge, Polity.
- ANDERS, Günther (2006): *La Menace nucléaire. Considérations radicales sur l'âge atomique*, Paris, Le Serpent à plumes.
- ANDERSON, Perry (1992): *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*, Rio de Janeiro, Zahar.
- ARANTES, Paulo (1997): *Extinção*, São Paulo, Boitempo.
- ARANTES, Paulo (2021): *Formação e Desconstrução. Uma visita no museu da ideologia francesa*, São Paulo, 34.
- ARANTES, Paulo (2022a): *Neoextrativismo depois da catástrofe*, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qfbzK9cTDhQ> Data de acesso: 28 novembro 2023.
- ARANTES, PAULO (2022b): “O mundo-fronteira”, *Princípios: Revista de Filosofia*, v. 29, n. 60: 10-32.
- ARANTES, Paulo (2014): *O Novo tempo do mundo. E outros ensaios sobre a era da emergência*, São Paulo, Boitempo.
- ARANTES, Paulo & KRENAK, Ailton (2020), *Mesa Perspectivas anticoloniais MITsp*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2tjX2VodDYs>. Data de acesso: 16 novembro 2023.
- ARRIGHI, Giovanni (2010): *The Long Twentieth Century: Money, Power and the Origins of Our Times*, London/New York, Verso.
- BADIOU, Alain (2022), “Treize thèses et quelques commentaires sur la politique aujourd’hui”, *L’Obs*. Disponível em: <https://www.nouvelobs.com/idees/20220902.OBS62676/treize-theses-et-quelques-commentaires-sur-la-politique-aujourd-hui-par-alain-badiou.html>. Data de acesso: 16 novembro 2023.

- BOHY-BUNEL, Benoît (2023): *Une critique anticapitaliste de la collapsologie*, Paris, L'Harmattan.
- CANETTI, Thiago (2020): *A condição periférica*, Rio de Janeiro, Consequência.
- CAUX, Luiz Philipe de; CATALANI, Felipe (2019): "A passagem do dois ao zero: dualidade e desintegração no pensamento dialético brasileiro (Paulo Arantes, leitor de Roberto Schwarz)", *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 74: 119-146.
- CRARY, Jonathan (2014), *24/7*, Lodon & New York, Verso.
- DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian (2010): *La nouvelle raison du monde*, Paris, La Découverte.
- DURAND, Cédric (2020): *Techno-féudalismo. Critique de l'économie numérique*, Paris, La Découverte.
- FASSIN, Didier (2010): *La raison humanitaire. Une histoire morale du présent*, Paris, Seuil.
- FUKUYAMA, Francis (1992): *O fim da História e o último homem*, Rio de Janeiro, Rocco.
- GODIN, Romaric (2023): "Vive la « polycrise » ! Grandeur et misère d'une notion à la mode", *Revue Le Crieur*, n. 23: 66-79.
- GUILLUY, Christophe (2014): *La France périphérique : Comment on a sacrifié les classes populaires*, Paris, Flammarion.
- HARDING, Luke (2012). *Mafia State: How One Reporter Became an Enemy of the Brutal New Russia*, London Guardian Books.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell (2016): *Strangers in Their Own Land: Anger and Mourning on the American Right*, New York, The New Press.
- HOCHULI, Alex; HOARE, George e CUNLIFFE, Philip (2021): *The End of The End of History*, London, Zero Books.
- JAPPE, Anselm (2017): *La Société Autophage*, Paris, La Découverte.
- KRENAK, Ailton (2020): *Ideias para adiar o fim do mundo*, São Paulo, Companhia das Letras.
- KURZ, Robert (1997): "A origem destrutiva do capitalismo", *Últimos combates*, São Paulo, Vozes.
- KURZ, Robert (1992): *O Colapso da modernização*, São Paulo, Paz e Terra.
- LYRA, Frederico (2021): "Entrevista: Paulo Arantes o outro sentido. Uma teoria crítica na periferia do capitalismo", *Passages de Paris*, n. 21, p. 261-275.
- MARCUSE, Herbert (1973), *Contre-révolution et révolte*, Paris, Seuil.
- MARX, Karl (2011), *Grundrisse*, São Paulo, Boitempo.
- MENEGAT, Marildo (2019): *A crítica do capitalismo em tempos de catástrofe*, Rio de Janeiro, Consequência.
- MENEGAT, Marildo (2021): "Tremor e cataclisma da segunda natureza - A Guerra como modelo da dissociação catastrófica do capitalismo", *Passages de Paris*, n. 21, p. 6-22.
- STIEGLER, Barbara (2019): "Il faut s'adapter". *Sur un nouvel impératif politique*, Paris, Gallimard.

- STREECK, Wolfgang (2016): *How will capitalism end?*, London/New York, Verso.
- WARK, McKenzie: *Capital Is Dead: Is This Something Worse?*, London/New York, Verso.
- ŽIŽEK, Slavoj (2009), “How to begin from the beginning”, *New Left Review*, n. 57. Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/ii57/articles/slavoj-zizek-how-to-begin-from-the-beginning>. Data de acesso: 17 novembro 2023.